

Misión Parsons: una reflexión sobre los efectos inmediatos para la implementación de la enfermería moderna

Parsons Mission: a reflection about the immediate effects for the implementation of modern nursing

Missão Parsons: uma reflexão sobre os efeitos imediatos para a implantação da enfermagem moderna

Tânia Cristina Franco Santos¹, Antônio José de Almeida Filho², Kyvia Rayssa Bezerra Teixeira³, Marianne Cardoso Batalha⁴

¹Enfermeira Doutora. Professora Titular do Departamento de Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem Anna Nery/ Universidade Federal do Rio de Janeiro. Brasil. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-2325-4532>. Correo electrónico: taniacristinafsc@gmail.com

²Enfermeiro Doutor. Professor Titular do Departamento de Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem Anna Nery/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Brasil. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-2547-9906>. Correo electrónico: ajafilhos@gmail.com

³ Enfermeira Mestre. Aluna do Curso de Doutorado da escola de Enfermagem Anna Nery / Universidade federal do Rio de Janeiro. Brasil. Enfermeira do Estado do Rio Grande do Norte. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1556-4178>. Correo electrónico: kyvia_sax@hotmail.com

⁴ Enfermeira Mestre. Professora Substituta do Departamento de Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem Anna Nery / Universidade federal do Rio de Janeiro. Aluna do Curso de Doutorado da EEAN/UFRJ. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-7250-7244>. Correo electrónico: nannebatalha@bol.com.br

Correo electrónico de contacto: kyvia_sax@hotmail.com

Correspondencia: Emplear el correo electrónico.

Para citar este artículo: Santos, T. C.F., Almeida Filho, A.J., Teixeira, K.R.B., & Batalha, M.C. (2022). Misión Parsons: una reflexión sobre los efectos inmediatos para la implementación de la enfermería moderna. *Cultura de los Cuidados*, 26(62). Recuperado de <http://dx.doi.org/10.14198/cuid.2022.62.10>

Recibido:21/12/2021 Aceptado: 10/02/2022



ABSTRACT

Objective: to reflect on the immediate effects of the Technical Cooperation Mission for Nursing Development in Brazil, headed by Ethel Parsons. **Method:** this is a theoretical reflection on the immediate effects of the performance of the mission of nurses led by Ethel Parsons, covering the period from 1921 to 1931. **Results:** The Parsons Mission provided important effects for the implementation of nursing in Brazil, such as the creation of an Anglo-American nursing school, the first in the country to be organized and directed by nurses; a general care hospital that met the practice needs of these new professionals, linked to the nursing school; a service of public health nurses in the National Department, to which the school and services were linked; as well as the creation of emblems and institutional rituals, which conferred visibility and molds for the construction of a professional identity. **Conclusions:** The Parsons Mission in its 10 years of operation produced significant effects for the nursing profession in the country, which provided visibility to the figure of the registered nurse and opened paths for the profession to rise to more prestigious and active positions.

Keywords: History of Nursing; Nursing; Identity.

RESUMEN

Objetivo: reflexionar sobre los efectos inmediatos de la Misión de Cooperación Técnica para el Desarrollo de la Enfermería en Brasil, dirigida por Ethel Parsons. **Método:** se trata de una reflexión teórica sobre los efectos inmediatos del desempeño de la misión de enfermeras liderada por Ethel Parsons, que abarca el período de 1921 a 1931. **Resultados:** La Misión Parsons brindó efectos importantes para la implementación de la enfermería en Brasil, tales como la creación de una escuela de enfermería angloamericana, la primera en el país en ser organizada y dirigida por enfermeras; un hospital de cuidados generales que cubriera las necesidades de práctica de estos nuevos profesionales, vinculados a la escuela de enfermería; un servicio de enfermeras de salud pública en el Departamento Nacional, al que se vinculaba la escuela y los servicios; así como la creación de emblemas y rituales institucionales, que conferían visibilidad y moldes para la construcción de una identidad profesional. **Conclusiones:** La Misión Parsons en sus 10 años de funcionamiento produjo efectos significativos para la profesión de enfermería en el país, lo que brindó visibilidad a la figura del enfermero titulado y abrió caminos para que la profesión ascendiera a posiciones más prestigiosas y activas.

Palabras clave:: Historia de la enfermería; Enfermería; Educación en Enfermería; Identidad.

RESUMO

Objetivo: refletir sobre os efeitos imediatos da Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, chefiada por Ethel Parsons. **Método:** trata-se de uma reflexão teórica sobre os efeitos imediatos da atuação da missão de enfermeiras lideradas por Ethel Parsons, compreendendo o período de 1921 a 1931. **Resultados:** A Missão Parsons proporcionou importantes efeitos para a implantação da enfermagem no Brasil, como a criação

de uma escola de enfermagem nos moldes anglo-americano, primeira no país organizada e dirigida por enfermeiras; um hospital geral de assistência que atendesse as necessidades de prática dessas novas profissionais, vinculado a escola de enfermagem; um serviço de enfermeiras de saúde pública no Departamento Nacional, ao qual escola e serviços estavam vinculados; bem como a criação de emblemas e rituais institucionais, os quais conferiam visibilidade e moldes para a construção de uma identidade profissional. Conclusões: A Missão Parsons em seus 10 anos de atuação produziu efeitos significativos para a profissão de enfermagem no país, os quais proporcionaram visibilidade à figura da enfermeira diplomada e abriu caminhos para que a profissão galgasse mais posições de prestígio e atuação.

Palavras-chave: História da Enfermagem; Enfermagem; Educação em Enfermagem; Identidade.

INTRODUÇÃO

A implantação da enfermagem moderna na capital do Brasil, no início da década de 1920, ocorreu sob a égide da saúde pública, no âmbito de uma reforma sanitária liderada pelo então diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), o sanitarista e cientista Carlos Chagas. Nesse contexto, a nova concepção de saúde pública, bem como a participação de sanitaristas nas questões de saúde do país, indicou a necessidade de um novo agente, cujas disposições pessoais e profissionais viabilizassem a proposta daquele grupo, no sentido de complementar o trabalho do médico, por meio de cuidados de vigilância e educação sanitária a doentes em tratamento nos dispensários pertencentes ao governo federal, no Rio de Janeiro, através de visitas domiciliares (Peres, Brandão, de Dios agurado & Paim, 2021).

Portanto, essa reforma sanitária, desenvolvida entre os anos de 1920 e 1924, ensejou a vinda de uma Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, que sob a liderança de Ethel Parsons, permaneceu uma década (1921-1931) no país, atuando de forma simultânea em três frentes de trabalho: a organização de um serviço unificado de enfermeiras de saúde pública, na mesma linha hierárquica que as demais inspetorias do DNSP; a criação da Escola de Enfermeiras do DNSP, atual Escola de Enfermagem Anna Nery, em conformidade com os padrões de ensino de enfermagem norte-americano; e a reorganização do Hospital Geral da

Assistência do DNSP, que serviria como campo de prática para as alunas de enfermagem (Barreira et al, 2015).

Ethel Parsons chegou ao Rio de Janeiro, então capital federal, em 2 de setembro de 1921, iniciando seu trabalho pelo diagnóstico da situação existente na capital. Ela constatou que as escolas de enfermagem não apresentavam os padrões mínimos adotados nos países anglo-saxões; os hospitais viviam superlotados e que a enfermagem era constituída por pessoas sem formação, de ambos os sexos. No interior do DNSP constatou que os médicos atuantes em serviços de tuberculose, doenças venéreas e higiene infantil, haviam contratado 44 moças, de baixo nível de instrução, que após doze palestras, passavam a atuar como visitadoras. Segundo sua concepção, o resultado prático desse trabalho, de acordo com os padrões americanos, era insatisfatório, uma vez que os profissionais careciam de conhecimentos básicos de enfermagem e de treinamento em campos de prática (Barreira et al, 2015).

No ano que demarca os cem anos da chegada de Ethel Parsons no Brasil é por demais necessário trazer a lume uma versão do passado para o presente, por meio de uma reflexão sobre sua atuação decisiva e extraordinária nos rumos da enfermagem nacional, pois, a historiografia da profissão construída de forma reflexiva e crítica nos conduz a pensar a enfermagem inserida em um campo de forças dinâmicas e contraditórias, que é passado, é presente, e é futuro também. Assim, o presente estudo tem por objetivo refletir sobre os efeitos imediatos da Missão de Cooperação Técnica para o Desenvolvimento da Enfermagem no Brasil, atualmente reconhecida como Missão Parsons por pesquisadores de História da Enfermagem.

DESENVOLVIMENTO DO TEMA

Ethel Parsons e as primeiras demarcações para a implantação da enfermagem

No ano seguinte ao de sua chegada (1922) Parsons participou do “Congresso Nacional dos Práticos”, realizado no Rio de Janeiro, de 30 de setembro a 8 de outubro, como parte das comemorações do Centenário da Independência. Este congresso foi um fórum em que as questões relacionadas com a reordenação do trabalho médico foram intensamente debatidas. Um dos temas mais recorrentes nesse congresso diz respeito à “reivindicação da arte de curar” (Barreira et al, 2015).

Nesse congresso, Parsons apresentou o relatório “As Enfermeiras de Saúde Pública”. Neste, o perfil da enfermeira afastava o lado puramente caritativo e assistencialista da atividade da enfermagem e enfatizava a imagem de uma profissional responsável pela reforma social da conduta do cidadão, no que dizia respeito à sua saúde. Suas propostas, no final do relatório, direcionavam-se para o reconhecimento da escola de enfermagem a ser criada, bem como para a garantia do monopólio dos serviços de enfermagem às futuras enfermeiras por meio da organização e da implantação dos serviços de enfermagem em cada distrito da cidade (Pereira Neto, 2001; Barreira et al, 2015).

Eis já aqui um feito imediato da Missão Parsons, evidenciado pela presença de Ethel Parsons nesse congresso, inclusive com uso da palavra. Isso porque os discursos (no caso Parsons apresentou um relatório) proferidos por pessoas reconhecidas em eventos científicos simbolizam uma importante estratégia de luta para se fazer ver, se dar e conhecer, pois o discurso anunciador de um grupo será bem-sucedido quando aquele que o efetua for capaz de reconhecer por sua palavra o poder de impor uma nova visão e uma nova divisão social. Assim, o poder sobre o grupo que se pretende dar existência enquanto grupo é, ao mesmo tempo, um poder de fazer o grupo. É o efeito de conhecimento que reside tanto no reconhecimento concedido a quem o enuncia (Parsons), como também das condições do grupo ao qual o discurso está endereçado.

Também nesse congresso, o sanitarista J P Fontenelle, manifestou-se favorável à criação de um serviço de enfermeiras de saúde pública que, por meio de cuidados de vigilância a doentes em tratamento nos dispensários, auxiliassem no desenvolvimento das diversas atividades do DNSP. Embora a chefe do Serviço de Visitação da Inspeção da Tuberculose, Edith de Magalhães Frankael fosse uma mulher erudita, no relatório apresentado pelo mencionado sanitarista, havia a ênfase de que as enfermeiras fossem chefiadas pelos médicos. Em outras palavras, defendia-se a tese de que elas deveriam submeter-se ao poder médico, em termos dos limites dos conhecimentos e do exercício da prática de saúde (Pereira Neto, 2001).

No entanto, ainda em 1922, quando o diretor do DNSP criou o Serviço de Enfermeiras do referido departamento, ocorreu a centralização do comando da enfermagem, sob a direção de uma superintendente geral, situada na mesma linha hierárquica das demais inspeções médicas do Departamento. Essa inserção da enfermagem, no nível federal, constituía-se em fato sem precedentes na história universal

da enfermagem. Para efetivação de tal medida, Ethel entendia que se tornava imperativa a organização de uma divisão de ensino, o que, para ela, subentendia uma escola de enfermeiras. Eis aqui um feito imediato da Missão Parsons. Isso porque esse cargo conferiu à líder da missão poderes extraordinários, uma vez que o capital profissional de instituição confere forte crédito profissional e político.

Sanitaristas do DNSP, com curso de especialização nos Estados Unidos, e que lá haviam conhecido o serviço de enfermeiras de saúde pública, julgaram necessário treinar enfermeiras de saúde pública no país para que auxiliassem os médicos no desenvolvimento das diversas atividades do Departamento. E, ao contrário da expectativa da maioria dos médicos do DNSP que apenas desejavam resolver os problemas mais prementes da sua prática cotidiana, o projeto da missão liderada por Ethel Parsons visava à criação de uma sólida base para a introdução de uma nova categoria profissional no campo da saúde no Brasil.

Nessa conjuntura foram criados um serviço de enfermeiras de saúde pública; um hospital geral de assistência (instalado no prédio reformado do antigo asilo da mendicidade São Francisco de Assis) que serviria como campo de prática para as alunas; e uma escola de enfermeiras vinculada a esse hospital. Esses três órgãos eram subordinados à Superintendência do Serviço de Enfermeiras, a qual se ligava diretamente ao diretor do DNSP. Eis aqui mais efeitos imediatos da Missão Parsons.

Vale ressaltar que os médicos entendiam a enfermeira de saúde pública como necessária ao trabalho de visita domiciliar, atividade por eles considerada imprópria a sua profissão, como disse J. P. Fontenelle: “de rua em rua, de casa em casa, de quarto em quarto, de pessoa em pessoa, comecei a perceber que não era serviço para médico” (Fallante, 1998, p. 73). Entendiam também que a enfermeira passava a imagem de funcionária disciplinada e disciplinadora, submissa às ordens médicas. Nesse contexto, a elaboração de normas padronizadas e a comunicação escrita mitigavam a subordinação da enfermagem à medicina, garantindo autonomia administrativa à Superintendência de Enfermagem. Essa providência simboliza uma estratégia sutil de subverter a ordem vigente.

Ademais, Ethel Parsons conseguiu fazer valer sua opinião de que, para obter êxito no projeto de reforma sanitária, seria necessário ter enfermeiras bem preparadas para se integrarem no programa de saúde pública. Assim, foi justificada a instalação e

organização de uma escola de enfermagem em moldes até então inexistentes no Brasil, tarefa esta assumida por um corpo de enfermeiras norte-americanas, por ela chefiada.

A proposta de Ethel Parsons era a de realizar um curso de enfermeiras com a duração de dois anos e meio, porém, os sanitaristas julgaram inviável esperar tanto tempo para ter à disposição dos trabalhos sanitários pessoas preparadas para realizar visitas domiciliares. Como solução conciliatória, mas emergencial e provisória, Parsons, em 1922, decidiu implementar um curso de emergência de seis meses de duração, para formar visitadoras de higiene, a fim de ampliar o quadro das visitadoras e manter o controle sanitário sobre a população (Barreira et al, 2015).

No cargo de superintendente, Ethel Parsons dirigia uma equipe de sete enfermeiras de saúde pública (todas americanas), que começaram a atuar como instrutoras e supervisoras das enfermeiras visitadoras nos serviços de tuberculose, doenças venéreas e higiene infantil. Essas enfermeiras visitadoras foram treinadas em “cursos de emergência” ministrados em sua maioria, por enfermeiras americanas (Barreira et al, 2015).

A desejada extinção do quadro de visitadoras e sua substituição por enfermeiras de saúde pública foi alcançada no fim de 1926 (nesse ano, as últimas enfermeiras visitadoras foram substituídas pelas enfermeiras diplomadas), mediante a adoção de estratégias administrativas e pedagógicas tais como: realização de cursos de visitadoras de higiene em caráter de emergência; concessão de certificados de visitadoras de higiene sob a condição de que as mesmas fossem substituídas pelas enfermeiras de saúde pública a serem diplomadas pela Escola de Enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública, atual escola de Enfermagem Anna Nery; desativação do curso em 1924, antes mesmo da formatura da primeira turma de enfermeiras diplomadas (que só ocorreu em 19 de junho de 1925); afastamento progressivo das visitadoras dessa função, através da transferência para outras funções (como o atendimento aos médicos nos consultórios); do aproveitamento das visitadoras consideradas boas candidatas ao curso de enfermeira, bem como dispensa daquelas consideradas sem qualidades para pertencerem aos quadros do DNSP. Em 1927, o serviço de Visitadoras já era composto exclusivamente por enfermeiras diplomadas. Os ganhos simbólicos acima representam poderosos efeitos imediatos da Missão Parsons. (Barreira et al, 2015).

Ainda em 1926, o Regimento Interno do Serviço de Enfermeiras do DNSP o colocava como um serviço independente, cuja organização e funcionamento seguia um

plano de ordem geral descentralizado e distribuindo-o por várias zonas ou distritos, com uma chefe responsável em cada um deles.

A efetivação do projeto da Missão Parsons, como já mencionado, atuou em três frentes: organização de um serviço unificado de enfermeiras, a reorganização do Hospital Geral da Assistência, e a criação da Escola de Enfermeiras do DNSP, conforme os altos padrões de enfermagem norte-americana. Vale ressaltar que essa escola de enfermeiras foi a primeira no Brasil a ser organizada e dirigida por enfermeiras, com seu quadro de pessoal constituído, na maioria, por enfermeiras, o que interferia no exercício do poder pelos médicos (Barreira et al, 2015). Eis aqui importante efeito da Missão Parsons, pois, à enfermagem foi resguardada o poder de enunciar o discurso legítimo sobre a formação da enfermeira.

Em termos gerais, a implantação da enfermagem moderna no Brasil foi uma das maiores realizações da Reforma Carlos Chagas. Ele mesmo viria a declarar, de público, que “a criação de uma escola de enfermagem no Brasil é um evento que marca época em sua história e não tem menor importância do que a eliminação da febre amarela por Oswaldo Cruz” (Barreira, 1997, p. 179).

Assim, as palavras proferidas pelo cientista sobre a importância da criação de uma escola de enfermagem constituem um ato de conhecimento que, por estar fundado, como qualquer poder simbólico, no reconhecimento, produziu a existência do que foi enunciado. Isso porque o discurso de Carlos Chagas, detentor de capital científico “puro” – adquirido pelo reconhecimento de suas contribuições ao progresso da ciência – condensa e simboliza a estrutura da relação social da qual derivam sua eficiência, ou seja, a “força ilocucionária: eficácia simbólica das palavras, mediante a posição relativa do emissor e do receptor na hierarquia do volume e do peso dos diferentes capitais, mas também do sexo e da idade, bem como dos limites inscritos na própria relação” (Bourdieu, 1998, p. 105). Eis aqui mais um efeito imediato da Missão Parsons, evidenciado pelo capital social e simbólico angariado pelo apoio do cientista mencionado.

Vale ressaltar que o apoio do diretor do DNSP foi decisivo para a implantação do projeto da enfermagem moderna no Brasil, pois Carlos Chagas emprestou seu enorme prestígio para anunciar publicamente o trabalho da Missão Parsons na reforma sanitária em que estava empenhado. Além disso, a posição estratégica ocupada por Parsons

conferiu-lhe poderes extraordinários durante dez anos consecutivos, tornando possível a concretização de um projeto que, inicialmente, teve pouca receptividade.

Não obstante, o projeto da Missão Parsons ocasionou o desarranjo das representações femininas socialmente aprovadas e polarizadas nas figuras das freiras e da mulher casada, à época. Para neutralizar essas oposições, Parsons também tratou de fazer outras alianças, por exemplo, Bertha Lutz, líder do movimento pelo sufrágio feminino; Jeronima Mesquita e Maria Eugênio Celso, damas da sociedade e ilustres amigas da causa da enfermagem. Jeronima recepcionou a primeira turma de formandas, em 1925, em seu palacete.

Ademais, o trabalho de implantação da enfermagem moderna teve que ser realizado por etapas e aproximações estratégicas, entre elas o efeito de demonstração, na prática assistencial (de saúde pública e hospitalar) da utilidade das enfermeiras solidamente preparadas, contrariando a expectativa dos médicos do recém-criado DNSP, que desejavam ver resolvidos os problemas mais frequentes de sua prática cotidiana.

Tendo como centro difusor a escola de enfermeiras, criaram-se emblemas e rituais, que passaram a fazer parte do cotidiano institucional. Esses de inspiração religiosa e militar, adaptados de escolas americanas, eram usados para inculcar uma hierarquia e disciplina, modelando o comportamento da enfermeira, dando visibilidade à profissão e de certa forma, construindo uma identidade da enfermeira brasileira. Eis aqui mais um legado da Missão.

Ademais, esses rituais determinavam os mitos da profissão e a mística da enfermagem, portanto, operando como uma espécie de chamamento à ordem, pois tais rituais ao tempo em que enunciavam modelos a serem seguidos também asseguravam que tais modelos não fossem extintos, uma vez que uma das funções do ato de instituição é desencorajar duradouramente a tentação de transgressão. Eis aqui mais um efeito imediato da Missão Parsons.

Ademais, a institucionalização de emblemas e rituais da profissão também se configurou como uma estratégia utilizada pela Missão, para proceder à seleção e atualização de lembranças dignas de serem apreendidas e transmitidas às futuras enfermeiras. Assim, na Escola de Enfermagem Anna Nery, tomando como exemplo os ritos de imposição de insígnias e de colações de grau; as inaugurações de retratos e personagens ilustres da história da saúde do Brasil, como o do sanitarista Carlos Chagas,

percebe-se que a ritualização de lembranças contribuiu para a incorporação de um modelo de enfermeira, compatível com as forças em jogo na sociedade.

Nesse processo de tradição inventada, a memória foi sacralizada e convertida em um bem simbólico do grupo que, transmitido como herança através de celebrações; de inaugurações de bustos e retratos; e da identificação de monumentos nos espaços públicos contribuíram para reforçar o sentimento de unidade do grupo de enfermeiras e, por conseguinte, um sentimento de filiação estatutária

Além dos instrumentos legais que norteavam o ensino e asseguravam o exercício profissional, da implantação dos emblemas e rituais, a escola possuía um sólido patrimônio material, conquistado com a ajuda da Fundação Rockefeller e do governo brasileiro, como um prédio de três andares – Pavilhão de Aulas – Residência das Alunas, que antigamente era o hotel Sete de Setembro. Esses patrimônios deram concretude à existência institucional, devido as relações entre o espaço físico e o espaço social.

Após a diplomação da primeira turma, a ideia de criar uma associação de ex-alunas era conveniente tanto à escola, que manteria certo controle sobre as enfermeiras por elas diplomadas, como às ex-alunas. Estas agregariam ao seu diploma o capital simbólico referente às credenciais de membro de uma associação profissional ligada a uma instituição de prestígio. Entretanto, como o número de diplomadas ainda era muito pequeno e menor ainda o número das que permaneceram no país após a formatura, oito da primeira turma e quinze da segunda turma, a ideia evoluiu para a criação de uma associação que reunisse enfermeiras diplomadas brasileiras, ou seja, a Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas (ANED). A data de 12 de agosto de 1926, quando ocorreu a primeira reunião da ANED, foi consagrada como a da fundação da atual Associação Brasileira de Enfermagem (ABEN).

No período da Missão Parsons no Brasil, pelo interesse de se fazer representar oficialmente no Congresso Quadrienal do Conselho Internacional de Enfermeiras, que seria realizado em Montreal, em 1929, a presidente da ANED, Edith de Magalhães Fraenkel se viu na contingência de adequar a denominação da associação. Nesse congresso foi aprovada a afiliação da Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas Brasileiras (ANEDB) ao *International Council of Nurses* (ICN). No mesmo evento a ideia da criação de uma revista veio a público, pois a presidente da associação de Enfermeiras

americanas convidou Edith para uma reunião de redatoras das revistas das associações-membros.

Antes de encerrar os trabalhos no Brasil, embora a almejada incorporação da escola à Universidade do Brasil, no ensejo da criação desta não tenha sido alcançada, a Missão Parsons, já na presidência de Getúlio Vargas ainda conseguiu garantir que a difusão do modelo da Escola de Enfermeiras Dona Anna Nery (como passou a ser chamada em 1926) pudesse se fazer sem o desgaste de sua qualidade, quando esta foi elevada à posição de escola oficial padrão (Decreto 20.109, de 15 de dezembro de 1931).

Vale destacar que antes de sua partida, Ethel apresentou às autoridades brasileiras, “o estado da Escola (...), bem como as vantagens de sua futura inserção na Universidade, argumentando que, a qualidade do ensino oferecido e seu prestígio na sociedade já justificariam esse avanço, a exemplo das setenta e duas universidades norte-americanas, que tinham conexão com escolas de enfermeiras, na condição de cursos combinados, ou adotando o modelo de departamentos” (Baptista, 1997, p. 90).

Antevendo o futuro ainda disse: “aproxima-se o dia em que deverão ser incluídos nos programas da Escola d. Anna Nery, cursos avançados”, semeando a ideia da pós-graduação. Durante dez anos de intensa atividade de Ethel Parsons, no Rio de Janeiro, então capital do país, sua personalidade foi objeto de idealização, vindo a ser reconhecida como figura mítica da enfermagem brasileira.

Vinte anos depois de sua partida, o sanitarista Manuel Ferreira tomara a si o cargo de revitalizar o culto à Ethel Parsons. Nas suas palavras: “mais do que o alto nível técnico da enfermagem na escola, devemos a Ethel Parsons a impregnação da mística da enfermagem, da nobreza da profissão, da dignidade necessária à formação profissional, o senso de ética e responsabilidade” (Ferreira, 1953, p. 229).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das oposições ou estranhamentos sobre a irrupção da enfermeira diplomada no campo da saúde, o trabalho da Missão, produziu em 10 anos, efeitos extraordinários: implantação e reconhecimento de uma escola de enfermeiras de alto padrão, organização de um serviço de enfermeiras de saúde pública e de vários hospitais federais, entre eles o Hospital São Francisco de Assis.

Além disso, ao dar visibilidade à figura da enfermeira diplomada, reforçou-se no imaginário coletivo a imagem da mulher economicamente emancipada. A reprodução em

reproduzir o discurso da Missão Parsons, bem como a intenção de inserir a escola na Universidade, determinaram a necessidade de formar uma liderança nativa, inclusive com formação de pós-graduação nos estados Unidos, de modo a tornar as enfermeiras lídimas sucessoras e interlocutoras preferenciais das enfermeiras dirigentes norte-americanas.

Ethel Parsons colaborou ativamente no processo de construção de Carlos Chagas como o novo mito da saúde pública e de certa forma, patrono da nova profissão. Em que pese as contradições do plano de Parsons, o seu programa de ação foi executado de maneira a assegurar a autonomia do ensino, a qualificação profissional e a inserção da enfermeira no mercado de trabalho, em bases seguras. Esse plano foi implementado em dez anos, por grupos de cinco ou seis enfermeiras estrangeiras que se revezaram até 1931, constituindo uma equipe técnica coesa e firme, oferecendo às brasileiras, nas salas de aula, nos hospitais São Francisco de Assis e São Sebastião e nos distritos de prática, uma orientação técnica segura.

Para vencer os obstáculos Parsons também tinha a seu favor o poder que lhe conferia a Fundação Rockefeller, o financiamento em dólares e a não subordinação aos médicos brasileiros, além da equipe de enfermeiras selecionadas para o seu empreendimento. Assim, conforme análise de Bourdieu, Parsons pertencia ao grupo de poder, juntamente com os médicos sanitaristas, cientistas e professores da Faculdade de Medicina, além do apoio de um segundo grupo também poderoso, constituído de enfermeiras estrangeiras e, mais tarde, as brasileiras pós-graduadas nos Estados Unidos.

Em 1931, as antigas alianças políticas e econômicas, base de sustentação da fundação Rockefeller, uma vez desfeitas, determinaram o encerramento dos trabalhos da Missão Parsons no Brasil. Merece destaque como sinal dos tempos, a inauguração da estátua do Cristo redentor, no morro do Corcovado, com a presença do presidente e de todo o seu ministério, e do Cardeal Sebastião Leme. Esse marco simbólico de nova fase de colaboração que se iniciara entre o estado e a igreja, ocorreu no dia 12 de outubro de 1931, dias após a partida de Ethel Parsons.

REFERÊNCIAS

- Baptista, S. S. (1997). Trajetória das escolas de enfermagem na sociedade brasileira. *Esc. Anna Nery Rev. Enferm*, 1 (3), 84-105.

- Barreira, I. A. (1997). Os primórdios da enfermagem Moderna no Brasil. *Esc. Anna Nery Rev. Enferm*, 1 (esp), 161-76.
- Barreira I. A., Baptista S. S., Sauthier, J., Santos, T. C. F., Peres, M. A., Oliveira, A. B. & AJ Almeida Filho (2015). Primeira República: a implantação da enfermagem laica e seus desdobramentos. Em M.I.C.S. Padilha, M.S. Borenstein & I. Santos (Org.). *Enfermagem; história de uma profissão*. São Caetano do Sul: Difusão Editora.
- Bourdieu, P. (1998). *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Fallante, B. S. C. & Barreira, I. A. (1998). Significados da visita domiciliar realizada pelas enfermeiras de saúde pública nas décadas de 20 e 30. *Esc. Anna Nery Rev. Enferm*, 2 (3), 72-85.
- Ferreira, M (1953). Discurso em sessão da Sociedade Brasileira de Higiene, realizada em memória de Ethel Parsons. *Anais de Enfermagem*, 4 (4), 228-230.
- Pereira Neto, A. F (2001). *Ser médico no Brasil: o presente no passado*. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Peres, M. A. A., Brandão, A. P. C. L., de Dios Aguado, M., & Paim, L. (2021). Enfermería Brasileña: Herencia de Florence Nightingale en su concepción profesional. *Cultura de los cuidados*, 0(59-1), 41-49. doi:<http://dx.doi.org/10.14198/cuid.2021.esp.05>